

## Geoffrey Hill, poeta radicalmente tradicional

**Hugo Pinto Santos**

*Tradução e nota*

Geoffrey Hill (1932-2016) tem sido considerado um poeta difícil, opaco, conservador (reaccionário, mesmo); representante de uma estirpe de conservadorismo muito mais radical do que aquela pela qual Philip Larkin ficou conhecido. Se a fórmula “ficar conhecido” alguma vez puder (ou *dever*) aplicar-se a um poeta. Mas Geoffrey Hill foi também recebido como um dos obreiros mais originais da poesia britânica; e mesmo um poeta-crítico aparentemente (e *realmente*) tão distante, como Andrew Duncan, tem ressalvado a importância de Hill. Aproximando-o de Christopher Logue, chegou mesmo a considerá-lo um dos nomes cimeiros da poesia do século XXI. A disparidade dos juízos, que não é inabitual, é uma das medidas da dimensão que o autor de *Mercian Hymns* alcançou. A poesia de Hill tematizou aspectos altamente sensíveis na órbita cultural da Grã-Bretanha. (É propositadamente que se refere o espaço mais alargado daquele mapa cultural, e não apenas a Inglaterra, de onde Hill era originário. Porque há questões que, por um lado, transcendem o espaço inglês e, por outro, em muito precedem o tempo em que as fronteiras adquiriram a feição exacta que hoje têm.) O que se poderia recensear na forma como Anthony Thwaite descreveu *Mercian Hymns*: “uma complexa meditação, portadora de muitas camadas, intrincadamente urdida em torno da história, da tradição, da ordem, do poder e da memória” (*Poetry Today – A Critical Guide to British Poetry 1960-1995*, Londres, Longman, 1996). Ingredientes que, somados decerto a outros (em que não estará ausente

esse grande princípio norteador da crítica: a irritação pessoal), levaram Tom Paulin a ser um dos mais acerbos detractores de Hill, em quem detectou uma “imaginação conservadora” e em quem condenou um “feudalismo kitsch” (“A visionary nationalist: Geoffrey Hill”, in *Minotaur – Poetry and the Nation State*, Londres, Faber & Faber, 1992).

Hoje em dia, e não apenas (nunca apenas) porque Hill morreu no ano passado, parecem deslocadas, escusadas, mesmo, reacções como as de Tom Paulin. Paulin foi apenas um dos mais notáveis entre os empenhados depreciadores de Hill. Apelidando-o de poeta reaccionário, e taxando a sua poesia de saudosa, o irlandês parece (retrospectivamente) ter errado o alvo, atirando muito abaixo, acima, ao lado. Longe, seja como for. Não que a posição de Geoffrey Hill alguma vez tivesse sonogado a proveniência “tradicional(ista)” dos seus cursos; não que a poesia e a crítica do autor de *Ovid in the Third Reich* deixasse de afirmar uma afinidade altamente lúcida, comprometida até à raiva, com a tapeçaria da tradição – ainda que a entrega e a homenagem chegassem à superfície do discurso como se toda a serenidade as tragasse, sepultando-as num mar absorto. Mas esses pressupostos funcionaram de forma nada linear. Porque nunca se tratou de uma transposição fiel e apaziguadora, mas de uma absorção que não aniquilou rugosidades nem grumos. A textura é conscientemente áspera, mantendo sulcos incómodos, acessos nada óbvios e assumindo uma posição tudo menos instalada em conforto. A herança dos clássicos é mais inquietante do que conciliadora; a aprendizagem, mais actuante do que simples mantenedora.

Em “A partir de Geoffrey Hill” (*Revista da Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa*, Número 1, 4ª. série, 1976/77, pp. 145-173), Joaquim Manuel Magalhães escreve o mais completo e luminoso ensaio que, entre nós, se terá publicado sobre o autor. Nele, além da lúcida inserção de Hill no vastamente rico património da poesia britânica, JMM faz uma aproximação, solidamente sustentada, entre as poesias de João Miguel Fernandes Jorge e Geoffrey Hill – através, sobretudo, do que, em ambos os poetas é “persistente citação e transfiguração dos dados” da historiografia de cada tradição cultural, em face da qual “a obediência cronológica às crónicas citadas é sabotada” (*idem*). Tal como sucede na poesia de JMFJ, Hill começa na Idade Média, e permanece nesta realidade epocal, mas atravessa-a com o ímpeto da sua própria contemporaneidade. Como diz um estudioso do poeta, “A intensa percepção que Hill tem da alteridade do passado e do futuro torna a sua poesia

menos uma expressão do desejo de dominar o tempo do que um comentário sobre esse desejo” (*Geoffrey Hill*, Andrew Michael Roberts, Tavistock, Northcote House Publishers, 2004).

Hill descrevia-se como “um poeta radicalmente tradicional” (cit. em *Geoffrey Hill*, Andrew Michael Roberts). Conforme a exposição de Joaquim Manuel Magalhães, “a poesia de Geoffrey Hill assenta na organização lógica dos sentidos, na adequação do material prosódico tradicional à sintaxe, por vezes elíptica, mas sempre obediente ao equilíbrio gramatical, na procura de um imagismo expressivo submetido a contenções que o séc. XVIII não hesitaria em chamar decoro” (art. cit.). A métrica, disse Roy Fisher, referindo-se à poesia de Hill, é “som estético-político” (*Modernist Legacies – Trends and Faultlines in British Poetry Today*, ed. Abigail Lang and David Nowell Smith, Pgrave Macmillan, 2015).

A relação de Geoffrey Hill com a tradição é de reverência e solenidade, mas também de perspectiva e diferenciação. Sem chegar à sublevação, Hill não se comporta como um obediente unívoco, antes como um leitor atento mas individual dos legados do passado. O poema “Genesis”, de *For the Unfallen*, desenvolve-se nessa “geografia metafórica” de que falou Jeremy Hooker (“*For the Unfallen: a sounding*”, in *Geoffrey Hill – Essays on his Work*, ed. Peter Robinson, Open University Press, 1985), onde Deus, ou o divino, é, importantemente, um “vislumbre”, ainda de acordo com Hooker, e não propriamente uma presença, ou o portador exacto de uma acção. Algo que transformaria os seus poemas numa obviedade desnecessária, ou numa meditação placidamente piedosa, sem o furor magnificente e transfigurador que é o da sua escrita poética. Por seu turno, o teor não exactamente afirmável do sujeito de cada um destes poemas em prosa é um indício da volatilidade destas imaterialidades que o mundo material tanto confunde. Hill, interessado em golpear o concreto com o gume imprevisível do transcendente, deixa fissuras no real, as quais os poemas não preenchem, mas deixam a lacerar. O que delas escapa, irá percorrer os versos dos poemas de Geoffrey Hill.

Hill foi sempre reflectindo sobre a sua própria poesia. Por vezes, fê-lo com o que parecia ser uma deliberada ingenuidade – “Fico atónito e desolado”, escrevia em 2001, “quando há leitores, tanto amistosos, quanto antipáticos, que abordam os meus poemas como criptogramas que há que descodificar. Não tenho esse tipo de inteligência. Tenho

pouco entendimento acerca de ideias abstractas; uma criança de sete anos com capacidades muito medianas consegue ganhar-me ao xadrez; sempre que joguei *Scrabble*, perdi” (*Don’t Ask Me What I Mean: Poets In Their Own Words*, ed. by Clare Brown and Don Paterson, Londres, Picador, 2004). A ideia de um poeta da competência verbal de Hill como perdedor num jogo em que as palavras têm o papel central parece uma engenhosa provocação. Especialmente em alguém que assinava períodos como: “É claramente uma questão de comum observação que a própria mecânica da vida quotidiana, quer no século dezassete, quer no nosso, seja, inevitavelmente, uma questão de atenção ambivalente” (*Collected Critical Writings*, ed. Kenneth Haynes, Oxford, Oxford University Press, 2009).

Geoffrey Hill dizia conceber a memória como um “dever cívico e um fardo privado” (entrev. cit.). A sua poesia meditou longamente sobre o peso incalculável da história, sobre o ser humano como agente condicionado, viandante em terreno minado. O horror fascista e nazi foi interpelado pela sua poesia; como o foi a dimensão ainda mais vasta do pesadelo humano. Aquele que tem diante de si a vastidão dos espaços abertos onde a voz inaudível de Deus se confronta com a berraria humana. Onde gigantes lutam desarmados pela sua quota-parte de um sentido que escapa.

## Genesis

### I

Against the burly air I strode,  
Where the tight ocean heaves its load,  
Crying the miracles of God.

And first I brought the sea to bear  
Upon the dead weight of the land;  
And the waves flourished at my prayer,  
The rivers spawned their sand.

And where the streams were salt and full,  
The tough pig-headed salmon strove,  
Curbing the ebb and the tide's pull  
To reach the steady hills above.

### II

The second day I stood and saw  
The osprey plunge with triggered claw,  
Feathering blood along the shore,  
To lay the living sinew bare.

### III

And I renounced, on the fourth day,  
This fierce and unregenerate clay,

Building as a huge myth for man  
The watery Leviathan,

And made the glove-winged albatross  
Scour the ashes of the sea

Where Capricorn and Zero cross,  
A brooding immortality—  
Such as the charmed phoenix has  
In the unwithering tree.

IV

The phoenix burns as cold as frost;  
And, like a legendary ghost  
The phantom-bird goes wild and lost,  
Upon pointless ocean tossed.

So, the fifth day, I turned again  
To flesh and blood and the blood's pain.

V

On the sixth day, as I rode  
In haste about the works of God,  
With spurs I plucked the horse's blood.

By blood we live, the hot, the cold  
To ravage and redeem the world:  
There is no bloodless myth will hold.

And by Christ's blood are men made free  
Though in close shrouds their bodies lie  
Under the rough pelt of the sea;

Though Earth has rolled beneath her weight  
The bones that cannot bear the light.

***For the Unfallen (1959)***

## Génese

### I.

Oposto ao peso do ar caminhei,  
gritando os milagres de Deus.

E primeiro fiz o mar sofrer  
o peso morto da terra;  
e as ondas floriram à minha prece,  
os rios geraram sua areia.

E onde os cursos eram salinos e cheios  
O duro salmão pertinaz porfiou,  
investindo contra a vaza, no ímpeto da maré,  
A alcançar as firmes colinas acima.

### II.

No dia seguinte quedei-me a ver  
o mergulho da águia no mar, de garra pronta,  
sangue emplumado pela encosta,  
deixar o vivo músculo despido.

E ao terceiro gritei: “Cautela  
Com o manso piar da coruja, o sorriso do furão,  
A deliberada queda do falcão nos ares,  
Olhos frios, corpos num aro de aço,  
Para sempre resolvidos a matar.”

### III

E, ao quarto dia, renunciei  
a este barro rude e irregenerado,  
ergui como imenso mito para o homem  
o leviatã das águas,

e fiz o albatroz de largas asas  
arear a cinza dos mares  
onde o Capricórnio e o Zero se cruzam,  
uma perturbante imortalidade –  
como o feitiço da Fénix  
na árvore imorredora.

### IV

A Fénix arde tão fria como geadas;  
e, como um fantasma de legenda,  
a ave espectral embrutece e perde-se,  
arremessada a um oceano sem propósito.

Então, ao quinto dia, tornei de novo  
à carne e osso, à dor do sangue.

### V

Ao sexto dia, ao percorrer,  
pressuroso, a obra de Deus,  
com esporas arranquei o sangue do cavalo.

Vivemos pelo sangue, quente, ou frio,  
para assolar e redimir o mundo:  
não há mito que subsista sem sangue.



E pelo sangue de Cristo se libertam os homens,  
ainda que em justas mortalhas jazam seus corpos  
cobertos pela rude pele do mar;

ainda que a Terra tenha volvido sob o seu peso  
os ossos que não toleram a luz.

## **The Humanist**

The *Venice* portrait: he  
Broods, the achieved guest  
Tired and word-perfect  
At the Muses' table.

Virtue is virtù. These  
Lips debate and praise  
Some rich aphorism,  
A delicate white meat.

The commonplace hands once  
Thick with Plato's blood  
(Tasteless! tasteless!) are laid  
Dryly against the robes.

### ***King Log (1968)***

## O Humanista

O retrato de Veneza: ele  
medita, o visitante consumado,  
fatigado e sabedor,  
à mesa das musas.

Virtude é *virtù*. Estes  
lábios debatem e louvam  
algum copioso aforismo,  
delicada carne branca.

As mãos triviais, antes  
tintas do sangue de Platão  
(Insípido! Insípido!), poisadas,  
secamente encostadas às vestes.

I

*King of the perennial holly-groves, the riven sandstone: overlord of the M5: architect of the historic rampart and ditch, the citadel at Tamworth, the summer hermitage in Holy Cross: guardian of the Welsh Bridge and the Iron Bridge: contractor to desirable new estates: salt-master: money-changer: commissioner for oaths: martyrologist: the friend of Charlemagne.*

*"I liked that", said Offa, "sing it again."*

I

Rei dos azevinhos perenes, do fendido arenito, suserano da M5: arquitecto do fosso histórico, da vala, a cidadela de Tamworth, o eremitério estival da Santa Cruz: guardião da Ponte de Gales e da Ponte de Ferro: empreiteiro de cobiçados novos domínios: mestre do sal: cambista: comissário de juramentos: martirólogo: o amigo de Carlos Magno.

“Gostei disso”, disse Offa. “Volta a cantar.”

## VI

*The princes of Mercia were badger and raven. Thrall to their freedom, I dug and hoarded.  
Orchards fruited above clefts. I drank from honeycombs of chill sandstone.*

*'A boy at odds in the house, lonely among brothers.' But I, who had none, fostered a  
strangeness; gave myself to unattainable toys.*

*Candles of gnarled resin, apple-branches, the tacky mistletoe. 'Look' they said and again  
'look.' But I ran slowly; the landscape flowed away, back to its source.*

*In the schoolyard, in the cloakrooms, the children boasted their scars of dried snot; wrists and  
knees garnished with impetigo.*

## VI

Os príncipes de Mércia eram texugo e corvo. Escravo da sua liberdade, eu escavava e entesourava. Pomares repletos sobre fissuras. Eu bebia de favos de arenito gelado.

“Um rapaz à toa em casa, sozinho entre irmãos.” Mas eu, que não tinha nenhum, acalentava uma estranheza, entregava-me a jogos inalcançáveis.

Velas de resina nodosa, ramas de macieira, o visco colante. “Olha”, diziam, e de novo, “olha”. Mas eu corria lento; a paisagem recuava, de volta à fonte.

No recreio, nos vestiários, os miúdos arvoravam cicatrizes de muco seco, pulsos e joelhos adornados de impetigo.

## VII

*Gasholders, russet among fields. Milldams, marlpools that lay unstirring. Eel-swarms. Coagulations of frogs: once, with branches and half-bricks, he battered a ditchful; then sidled away from the stillness and silence.*

*Ceolred was his friend and remained so, even after the day of the lost fighter: a biplane, already obsolete and irreplaceable, two inches of heavy snub silver. Ceolred let it spin through a hole in the classroom-floorboards, softly, into the rat-droppings and coins.*

*After school he lured Ceolred, who was sniggering with fright, down to the old quarries, and flayed him. Then, leaving Ceolred, he journeyed for hours, calm and alone, in his private derelict sandlorry named Albion.*

## VII

Gasómetros, um rútilo pelos campos. Represas, depósitos de marga ao abandono. Cardumes de enguias. Coágulos de rãs: uma vez, com ramos e pedaços de tijolo, fustigou todo um açude; e logo se esquivou do sossego e do silêncio.

Ceolred era seu amigo e continuou a ser, mesmo depois do dia do caça perdido: um biplano, já então obsoleto e insubstituível, duas polegadas de tosca prata densa. Ceolred deixou-o cair, suavemente, num buraco escavado no chão da sala de aula, por cima de excrementos de rato, de moedas.

Depois das aulas, atraiu ao engodo Ceolred, que casquinava de medo, até às velhas pedreiras, e aí o esfolou. Então, abandonando Ceolred, viajou durante horas, só e tranquilo, na intimidade negligente do seu camião, que se chamava Albion.

**XXIII**

*In tapestries, in dreams, they gathered, as it was enacted, the return, the re-entry of transcendence into this sublunary world. Opus Anglicanum their stringent mystery riddled by needles: the silver veining, the gold leaf, voluted grape-vine, masterworks of treacherous thread.*

*They trudged out of the dark, scraping their boots free from lime-splodges and phlegm. They munched cold bacon. The lamps grew plump with oily reliable light.*

**XXIII**

Em tapeçarias, em sonhos, recolhiam, conforme promulgado, o retorno, o reingresso, da transcendência neste mundo sublunar. *Opus Anglicanum*, seu severo mistério cravejado de agulhas: a prata das veias, a folha de ouro, a voluta do vinhedo, obras-primas de traiçoeira urdidura.

Arrastavam-se desde o escuro, raspando das botas vestígios de cal e de muco. Mascavam toucinho frio. As candeias enchiam-se de uma luz oleosa e fiável.

***Mercian Hymns (1971)***

## **Epiphany at Saint Mary and All Saints**

The wise men, vulnerable in ageing plaster,  
are borne as gifts  
to be set down among the other treasures  
in their familial strangeness, mystery's toys.

Below the church the Stour slovens  
through its narrow cut.  
On service roads the lights cast amber salt  
slatted with a thin rain doubling as snow.

Showings are not unknown: a six-winged seraph  
somewhere impends—it is the geste of invention,  
not the creative but the creator spirit.  
The night air sings a colder spell to come.

***Without Title (2006)***



### **Epifania em Santa Maria e Todos os Santos**

Os reis magos, vulneráveis em gesso envelhecido,  
estão posicionados como presentes  
que se poisam entre outros tesouros  
numa familiar estranheza, brinquedos do mistério.

Debaixo da igreja, o Stour serpeia  
pelo seu estreito corte.  
Nas estradas, luzes lançam ácidos sob a forma de  
tiras de chuva miudinha que passa por neve.

Não se ignoram as mostras: as seis asas de um serafim  
algures pendem — a gesta da invenção,  
não espírito criativo, mas o criador.  
O ar da noite canta uma frente mais fria por vir.